

RICARDO VÉLEZ RODRÍGUES: POR UMA EDUCAÇÃO GUIADA PELA FILOSOFIA LIBERAL

Sandro Dau⁸⁷

Faculdade de Ensino Superior de Linhares - FACELI

Shirley Dau⁸⁸

Universidade Federal de São João del-Rei – Núcleo de Educação a Distância - dfime@ufsj.edu.br

Arthur Gomes Dau⁸⁹

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo: O tema deste artigo é a educação na perspectiva liberal de Ricardo Vélez Rodríguez. Para iniciarmos esta pesquisa foi-nos necessário questionar a possibilidade de mudança do modelo atual de educação, para tanto lançamos mão da seguinte pergunta: é possível substituir o modelo atual de educação marxista por modelo liberal, o qual possa dar condições aos envolvidos de poderem discutir livremente qualquer tema sem se preocupar com as patrulhas ideológicas? O nosso objetivo é apresentar a educação liberal como o caminho a ser seguido pela academia. Este trabalho torna-se relevante, pois no momento atual estamos numa encruzilhada em que podemos nos tornar uma democracia liberal ou autoritária, por isso é necessário debater sobre qual caminho desejamos seguir. O método adotado para a elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica e documental quanto aos procedimentos tecnológicos. Como resultados esperamos tornar claro que toda e qualquer educação deve ter como pano de fundo a liberdade de pensar, questionar e propor novas alternativas para uma sociedade democrática verdadeiramente liberal.

Palavras-chave: Ricardo Vélez Rodríguez. Liberalismo. Educação.

1 Introdução

Escolhemos por tema pesquisar a educação liberal em contraposição à educação marxista que hoje domina as escolas brasileiras. Neste sentido, utilizamos como auxílio nesta busca as ideias liberais de Ricardo Vélez Rodríguez, pois ele foi um dos poucos professores que tiveram a coragem suficiente de desafiar o *establishment* acadêmico nos seus momentos de maior cerceamento das ideias.

O problema de pesquisa que nos moveu foi questionar a possibilidade de existência de um modelo de educação que pudesse substituir a visão messiânica marxista que tomou a academia. Deste modo, nos propomos a perguntar: é possível substituir o modelo atual de educação marxista por modelo liberal, o qual possa dar condições aos envolvidos poderem discutir livremente qualquer tema sem se preocupar com as patrulhas ideológicas?

O objetivo de pesquisa que nos propomos é apresentar a educação liberal como o caminho a ser seguido pela academia. Com esta meta procuramos mostrar que o meio acadêmico brasileiro se viu nos últimos anos enredado em discussões as quais valorizavam mais os aspectos pessoais, ideológicos e/ou

⁸⁷ Pós-doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁸⁸ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁸⁹ Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Colaborou na elaboração deste trabalho.

interesses menores, do que a investigação científico-racional, que de fato, quer promover uma vida boa ao indivíduo.

Como método de pesquisa adotamos a pesquisa bibliográfica e documental quanto aos procedimentos tecnológicos. Enquanto bibliográfica usamos livros, artigos científicos, artigos jornalísticos e teses tanto físicos como digitais, já no aspecto documental utilizamos os documentos existentes *on line* que trouxeram contribuições a respeito do tema.

2 Desenvolvimento

Entendemos que Ricardo Vélez Rodríguez, é sem dúvida alguma é um dos maiores pensadores da Filosofia brasileira, desde o século XX e na atualidade. Os seus estudos ultrapassam as fronteiras da mera repetição acadêmica e jogam uma nova luz sobre a maneira como devemos pensar, agir e transformar as velhas práticas intelectuais, políticas, culturais morais e éticas existentes dentro da academia. Nas palavras de Paim: “Ricardo Vélez Rodriguez renovou enormemente os estudos relacionados ao pensamento político brasileiro. Tem se detido sobretudo no pleno esclarecimento do que seria o patrimônio modernizador.” (PAIM, p.66, 2007)

Filósofo de profunda formação humanística e um dos mais profundos conhecedores do liberalismo no Brasil é um defensor incontestado da liberdade do indivíduo, por este motivo ele se opõe a tudo que possa se referir ao marxismo: “Combateremos com denodo o marxismo cultural, hoje presente em instituições de educação básica e superior.” (VÉLEZ RODRÍGUEZ *in* <<https://veja.abril.com.br/>>). Não é um combate juvenil em que não se tem uma causa, todavia é uma luta contra o que há de mais atroz, maligno, escravista e pervertido no pensamento humano.

Nós brasileiros vivemos sob a égide do pensamento marxista há mais de quarenta anos, por este motivo Karl Marx (1818-1883), o defensor do assassinato em massa, pode invadir de maneira violenta todos os campos da cultura dificultando ao extremo o surgimento de qualquer teoria contrária, pois a sua guarda de honra (professores universitários e demais membros da religião marxista) está sempre pronta para atacar todo e qualquer indivíduo que se atreva a questionar a pseudo verdade suprema existente no marxismo.

É interessante notar que os nossos professores não leram Karl Marx pela linha hegeliana por um simples motivo, pois Georg W. F. Hegel (1770-1831) leva a Razão à quase loucura e a sua leitura é excessivamente difícil, por isso preferiram um caminho mais palatável e se apropriaram das ideias do intolerante fundador de religiões por intermédio de Antonio Gramsci. O que por si só já mostra como os nossos professores pouco entendem o pensamento de Karl Marx, por isso eles preferem seguir cegamente teorias mal lidas, mal digeridas e mal compreendidas: talvez essa seja a origem de todas as religiões: a ignorância ou má fé elevada à enésima potência.

Uma breve tergiversação se faz necessário, pois Karl Marx não se encontra sozinho quando se fala em maldade extremada. Esta tem um nome: Platão, o mais perverso de todos os homens que existiram, existem e existirão. A sua maldade é tamanha que a própria natureza se recusa a pronunciar o seu verdadeiro nome – Aristócles. Além de nome, a maldade no Ocidente tem um

sobrenome: Rousseau e um apelido, Karl Marx (o seu verdadeiro nome é Moses Mordechai Marx Levi). Os nossos professores foram educados por estes homens perversos, malignos e assassinos, contudo eles são glorificados dentro da academia como sendo o que há de melhor na humanidade.

Vamos voltar ao nosso tema e dizer que depois deste longo inverno foi necessário repensarmos uma nova linha a seguir, que se pautasse pelo respeito ao outro e não pela simples destruição daqueles que pensam de maneira livre ou *out of formatting*. O que se pode vislumbrar à luz da filosofia de Véléz Rodríguez é um exatamente uma mudança de paradigma, em que a liberdade de pensamento deverá ser a norma acadêmica e não uma exceção.

A universidade brasileira não suportou a gigantesca pressão que sofreu nos seus quadros científicos e os poucos professores que lutaram contra não conseguiram impedir que as salas de aula se transformassem num templo de oração ao deus Marx. Sozinha ela perdeu essa batalha, pois no transcorrer dos anos o pensamento de Marx se transformou no que ele sempre desejou: uma religião (não nos esqueçamos que Pierre-Joseph Proudhon - 1809-1865 - já havia alertado à época que Marx era um intolerante fundador de religiões), por isso não temos o desenvolvimento do pensamento científico nas salas de aula e sim uma catequização sobre a maldade burguesa, o egoísmo dos indivíduos, a elevação da luta de classe como solução para todos os problemas, etc. Disso decorre que se viu, e se ainda se vê, o conceito ensino ser totalmente obnubilado pelo conceito “educação” nas nossas escolas. Com isso destruiu-se a família em sua lógica pós-moderna, como sendo “A” base para a educação do indivíduo, pois a escola teve que se ver com essa tarefa a mais: “educadora”. Como “dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo”, a escola foi gradativamente desincumbindo-se do seu papel primordial: ensino. Nessa perspectiva, “ser professor” tornou-se algum ofício do qual, nos parece, se deva envergonhar. Encontramos, por isso mesmo, “educadores” e “pedagogos” aos montes, mas professores são uma raça quase que totalmente extinta pela então ideologizada “educação brasileira”. Orgulhar-se desse ofício de ensinar e ensinar de fato, é para poucos, como nós:

Uma fé como o otimismo progressista do século XIX pode ser uma poderosa força política; pode ajudar a produzir o que prediz. Mesmo assim, uma predição correta não deve ser aceita com demasiada presteza como corroboração de uma teoria e de seu carácter científico. Pode antes ser uma consequência de seu carácter religioso e uma prova da força da fé religiosa que ela foi capaz de inspirar nos homens. E no marxismo, mais particularmente, o elemento religioso é inconfundível.

[...]

O elemento profético do credo de Marx prevaleceu na mente dos seus seguidores. Varreu tudo mais, banindo a força do julgamento frio e crítico e destruindo a crença de que podemos mudar o mundo através do uso da Razão. Tudo quanto restou do ensinamento de Marx foi a filosofia oracular de Hegel, que, sob seus adornos marxistas, ameaça paralisar a luta pela sociedade democrática. (POPPER, 1974, p. 204-5.)

Não é de somenos apresentar uma citação de Bertrand Russell o qual conseguiu mostrar brilhantemente a relação marxista com a religião. Esta

aproximação utilizou a ignorância dos professores e a fé dos alunos para transformar a universidade em um monumento à intolerância a toda e qualquer ideia sobre a liberdade:

O exemplo judaico de história, passada e futura, é de molde a atrair poderosamente os oprimidos e infortunados de todos os tempos. Santo Agostinho adaptou esse modelo ao Cristianismo; Marx, ao socialismo. Para se compreender, psicologicamente, Marx, dever-se-ia empregar o seguinte dicionário:

Jeová dialético	=	Materialismo
O Messias	=	Marx
Os Eleitos proletariado	=	O
A Igreja comunista	=	O partido
O Segundo Advento	=	A revolução
O inferno dos capitalistas	=	O castigo
O milênio comunista	=	O Estado

Os termos da esquerda dão o conteúdo emocional dos termos da direita, e é esse conteúdo emocional, familiar àqueles que tiveram uma educação cristã ou judaica, o que torna crível a escatologia de Marx. Um dicionário semelhante poderia ser feito para os nazistas, mas suas concepções são mais puramente estilo Antigo Testamento e menos cristãs que as de Marx – e o seu Messias é mais análogo aos macabeus do que a Cristo. (RUSSEL, 1969, p. 66-7)

Poderíamos ainda mais identificar outros elementos místicos na religião marxista: os santos (São Lênin, Santa Rosa de Luxemburgo, etc.); o livro sagrado que contém e revela todas as verdades sobre este mundo (O Capital); as datas comemorativas (07/11/1917); os hinos sagrados (A Internacional); os ritos místicos (toda decisão deve ser votada três); a cor divina (vermelha); a erva sagrada (maconha); o paraíso (o Estado comunista na terra); a hierarquia sacerdotal (no mais alto nível estaria Moses Moderchai Max Levi).

É claro que isto parece uma brincadeira, mas só parece porque como qualquer dona de casa religiosa os fanáticos professores marxistas e os seus assassinos seguidores têm essa crença no mais alto grau de veracidade divina.

Devido à incapacidade dos professores marxistas em perceberem que a Ciência na Academia tinha se transformado em religião surgiram diversas vezes contra o crescente fanatismo religioso marxista que se encontrava enraizado nas universidades. Damos destaque ao Vélez Rodríguez em deferência à sua atuação que durante vários anos foi uma voz solitária contra os absurdos e os abusos a que a educação proporcionava: hoje felizmente ele se tornou o Ministro

da Educação e como professor sempre teve por prerrogativa devolver à educação o seu papel de ensinar a pensar livremente.

Neste sentido ele admite, corajosamente, que a universidade pública dominada pelo pensamento marxista abandonou o que deveria ser o seu desígnio: a defesa do valor da verdade. A religião marxista: “Faz mal à saúde da mente, do corpo e da alma porque secciona o ser humano, porque o torna massa, o torna coisa. Queremos uma tentativa de levar a uma abordagem cultural que leve a pessoa à integralidade na sua integridade, inteligência e na sua individualidade porque somos pessoas individualizadas.” (VÉLEZ RODRÍGUEZ, *apud* <<https://jovempan.uol.com.br/noticias/>>).

Uma das muitas lições que Vélez Rodríguez nos ensina é a defesa incontestada da liberdade do homem através do conhecimento. Ele propõe uma educação que valoriza as virtudes morais e que em sala de aula deve se apresentar como respeito aos alunos. Além disso, podemos citar a sua sempre constante tentativa de utilizar o espaço acadêmico, para formar cidadãos cientes das suas obrigações e não somente bons técnicos ou bons repetidores de teorias vazias. Disso podemos concluir que ele deseja que a educação possibilite ao aluno alcançar uma mudança de *status quo* baseada nos seus méritos e na liberdade de questionar a tudo e a todos.

Neste sentido ele vai no caminho contrário aos professores da esquerda, uma vez que o marxismo não se ocupa com a verdade, mas com a contra verdade, pois os seus seguidores somente desejam a destruição da verdade de qualquer verdade: somente o mito deve sobreviver e se adaptar às diferentes circunstâncias.

Há muito deixamos de ter, nas universidades, o ensino do livre pensamento, somente é ensinado a trapaça moral, o devaneio intelectual e a esperança da fogueira. Como consequência, ao receber o diploma não encontramos livres pensadores, contudo indivíduos irreversivelmente corruptos e corruptores: a podridão intelectual atingiu as raízes do próprio pensamento. Isto foi causado por professores que agem mais como pastores do que como cientistas. Doutrinadores implacáveis.

O marxismo nas nossas escolas destruiu o livre pensar e tornou a liberdade uma farsa e o liberalismo virou ofensa àqueles que não seguem o Salvador. Tal situação não ocorre somente nas universidades, ela se espalhou pelo ensino de maneira global e nem mesmos as crianças ficaram livres:

Trata-se, por conseguinte, de uma burla intelectual e moral, e de um abuso de confiança; esta infração ao código moral, à vontade do legislador, e ao próprio espírito das leis, é – circunstância agravante – cometida em juízo de menores ou adolescentes, confinados aos estabelecimentos de ensino pelos seus protetores legais, regra geral os pais. Na medida em que se pudesse provar que estas instituições a que os menores são confiados fazem deles delinquentes, ou estropiados mentais, ou anômalos sociais [...]. (MONNEROT, 1978, p. 66-7.)

A pior situação em que se pode encontrar uma universidade é transfigurar a verdade científica em alucinações de fé e aqueles que têm fé não percebem a sua própria ignorância. Talvez esta seja a causa (fé, ódio e

ignorância), porque apenas alguns poucos tiveram a coragem de se colocar contra este patrimônio abjeto que se tornou a educação brasileira.

A luta contra os “professores marxistas” como disse Vélez Rodríguez deve ser feita não porque eles são marxistas, todavia por exercer um poder iníquo sobre os seus alunos. Estes professores marxistas ensinam as teorias de Karl Marx como se elas fossem científicas e elas não o são, elas apenas são fraudes intelectuais, verdades religiosas do mais baixo nível:

Marx, como já adverti, experimentava uma espécie de cansaço diante das investigações de interesse puramente teórico. Sedento de conhecimentos das coisas (das coisas concretas e individuais), dava pouca importância às disquisições sobre os conceitos e as formas dos conceitos, o que o levava à indeterminação ou deformação dos próprios conceitos. Daí se originam, nele, muitas proposições que, tomadas literalmente, são errôneas e, não obstante, parecem, como de fato ocorre, plenas de verdade. (CROCE, 1948, p. 89-90.)

O pensamento instituído nas universidades tornou-se apenas uma pasta sem sabor, sem cor e sem odor. Os marxistas que sempre acusam os seus inimigos (todo e qualquer que pensa diferente é um inimigo e, portanto, deve ser eliminado) de não serem críticos, apregoam de maneira acrítica as maiores estultices sem se darem conta de que elas são apenas estultices.

Nas universidades brasileiras não existe mais o pensamento corrosivo típico do homem ocidental, o pensamento inovador, criador e desafiador: o dogma tomou conta da nossa educação. O pensamento científico sobre o presente abandonou as universidades, pois os professores preferem um glorioso mito sobre um futuro que nunca virá. Talvez seja por este motivo que é preciso ter espaço na academia para se discutir cientificamente as teorias marxistas, pois somente com uma discussão baseada nos princípios da Razão poderemos evidenciar o “entulho marxista que tomou conta das propostas educacionais de não poucos funcionários alojados no Ministério da Educação.” (VÉLEZ RODRÍGUEZ *apud* <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo>>).

No Brasil não houve a tão propalada pauperização do proletário exigência da religião marxista para a volta do Salvador Karl Marx. O que houve foi a pauperização intelectual dos nossos professores e alunos que se dedicaram ao credo marxista e não à verdade científica:

A legislação e a gestão da Educação devem ir ao encontro das expectativas da sociedade. Devem levar em consideração primordialmente a dignidade das pessoas envolvidas, tanto os alunos como suas famílias, tanto os professores como os administradores. A instrumentalização ideológica da educação em aras de um socialismo vácuo terminou polarizando o debate ao longo dos últimos anos. (VÉLEZ RODRÍGUEZ <<https://ipco.org.br/>>)

Neste sentido Vélez Rodríguez defende uma educação que respeite o aluno e evite qualquer discriminação ideológica como tem ocorrido com nas últimas décadas, nas quais a educação foi despolitizada por ter sido tomada de roldão por uma única visão político-partidária: neste período ficou claro que a

educação brasileira perdeu a liberdade, pois somente era aceitável uma única visão de mundo: a visão marxista.

Nós queremos dizer sim a uma educação que olhe para os indivíduos preservando os seus valores e a sua liberdade: “Para mim, o valor fundamental é servir as pessoas. Então, vou tentar dar importância às pessoas, ao aluno em sala, aos professores que se sentem oprimidos pela violência que há em sala, isso precisa ser equacionado.” (VÉLEZ RODRÍGUEZ, *in* <<https://desafiosdaeducacao.com.br/>>)

Caso pudéssemos perguntar a Vélez Rodríguez por qual motivo a nossa educação se tornou uma das piores do mundo, ele claramente responderia que isto é devido à desvalorização dos professores das séries iniciais; ao mesmo tempo que insiste que a nossa educação deixou de se preocupar com os alunos:

O sistema educacional deve olhar mais para as pessoas ali onde elas residem: nos municípios. [...] Tocqueville frisava que o município é a escola primária da democracia. É o município que deve ser o foco na organização da nossa legislação educacional, olhando para as diferenças regionais e levando em consideração os interesses dos cidadãos onde eles residem. (VÉLEZ RODRÍGUEZ *in* <<https://ipco.org.br/>>)

A situação torna-se mais grave, quando olhamos para a universidade onde os nossos professores educam os seus alunos para odiarem o Estado com o intuito de enfraquecê-lo e fortalecer o partido, mas ao mesmo tempo eles querem se aproveitar das suas benesses. Este ódio ao Estado tem a sua origem no próprio marxismo:

Como o pressuposto de Karl Marx sobre o Estado é negativo ele não analisa os tipos de governos e muito menos os divide em bons e maus. Isto se ocorre porque para ele qualquer governo é um instrumento de opressão independente de sua forma, pois ele sempre será um meio de opressão cuja origem está ligada diretamente ao modo de produção social de riquezas. O Estado, independente de sua forma de governo, é um meio de oprimir uma classe. (DAU, Arthur; DAU, Sandro e DAU, Shirley. Texto não publicado.)

Os professores marxistas têm uma crença (nada mais religioso do que uma crença) de que haverá uma revolução que destruirá o Estado capitalista, isto porque a exploração cada vez maior do proletariado o transformará em classe social, que fará uma revolução da maioria em benefício da própria maioria. Assim, chegará ao fim o antagonismo das classes sociais como também do Estado, porquanto é este que garante a divisão da sociedade entre proprietários dos meios de produção e os não proprietários.

Sobre esta luta de classe, outro dogma da verdadeira religião acadêmica brasileira, não poderíamos deixar de citar novamente Benedetto Croce que muito bem analisou este conceito na teoria marxista:

E a luta de classe? Em que sentido é verdadeiro o enunciado geral de que a história é uma luta de classe? Sinto-me quase

tentado a dizer que a história é uma luta de classe: 1ª) quando existem classes; 2ª) quando têm interesses antagônicos; 3ª) quando têm consciência deste antagonismo. Tal daria, no fundo, a humorística igualdade de que a história é luta de classes somente quando é luta de classes. (CROCE, 1948, p. 93-94.)

Como podemos ver os marxistas preconizam ser a luta de classe o estopim, para a salvação do proletariado e somente do proletariado, porque todos os demais são inimigos que devem ser enviados para o abate.

E eles continuam incansavelmente defendendo uma revolução, cuja origem estaria nos próprios fundamentos do capitalismo, que precisaria continuamente revolucionar os meios de produção e por extensão as relações sociais. Quanto mais se aumentasse a produção, maior seria a exploração dos trabalhadores e maior seria a sua pobreza. No capitalismo, reina um paradoxo: quanto mais crescem os meios de produção mais o proletário se empobrece.

Os argumentos, se podemos chamar tais sandices de argumentos, não param por aí, visto que nos seus devaneios eles pregam em sala de aula que com o aumento da pobreza do proletário estará dada a condição, para a revolução na qual as duas classes antagônicas lutarão e a vitória final seria do proletariado (os marxistas profetizam e esperam com todo ardor místico que as suas profecias realizem mesmo que para isso seja necessário o massacre de inocentes) e todo o antagonismo que marcou a História de todas as sociedades terá desaparecido.

Passado o inferno e o purgatório o povo oprimido chegaria ao céu marxista: o resultado é que o Estado deixará de ser o Estado de uma classe e tornar-se-á público, por isso o domínio da maioria não seria um governo de classe. A nova sociedade seria marcada pelo livre desenvolvimento de cada um que se baseará no livre desenvolvimento de todos. Ao término da luta entre burgueses e proletários, serão extintos a política e o Estado, porquanto eles são manifestações dos conflitos sociais.

Depois de anos de abandono da educação científica na esperança de uma revolução e a destruição do Estado e da burguesia os nossos professores perceberam que não conseguiram tomar o controle do Estado e muito menos destruir a burguesia, por tal motivo eles continuaram a sua mesma catilinária de subalternidade, reclamando do Estado e com medo de perderem os seus cargos públicos: este é o drama da intelectualidade acadêmica brasileira eles repetem a cultura em que foram criados, cuja tradição mostra a submissão para com os fortes e o desdém para com os fracos.

Na política Véléz Rodríguez vê uma identificação entre o patrimonialismo e a visão política da esquerda brasileira, pois o patrimonialismo admite que o homem deva ser subsumido à classe: “É unicamente nesta condição que o homem pode ser considerado agente da história e somente no grupo que adquire sentido sua liberdade civil.” (CARVALHO, *in* <<https://www.ensayistas.org/>>).

Na educação ele propõe que para fugir de tal aberração é necessário seguir o caminho da educação liberal, porquanto ele propugna uma nova ação acadêmica em que o indivíduo seja educado para viver numa sociedade democrática.

É por tal situação que devemos reconstruir a educação brasileira desde a educação infantil passando pela educação técnica até a educação universitária e para isso é urgente admitir que as: “Pautas nocivas não serão mais aceitas e vamos combater o marxismo cultural em instituições de Educação Básica e Superior. O MEC não será um bazar de enriquecimento.” (VÉLEZ RODRÍGUEZ *in* <<https://www.fnde.gov.br/>>).

Devemos aproveitar a oportunidade que surgiu de valorização do liberalismo e devemos tentar colocar a universidade no seu verdadeiro caminho que é a busca da verdade independentemente se isto afetará as verdades constituídas, as religiões existentes, a moral em vigor ou qualquer outra escolha que impeça o florescimento do verdadeiro objetivo da universidade: procurar um conhecimento que não discrimine a ninguém.

3 Considerações finais

Vélez Rodríguez é um dos mais destacados defensores do liberalismo, por este motivo ele se coloca em franca oposição a todo e qualquer tipo de autoritarismo tanto de Direita como de Esquerda. Na educação podemos ver isso quando ele defende não o consenso, mas o dissenso de ideias porque para ele é no amplo debate que se constrói uma educação democrática liberal.

A crítica que Ricardo Vélez Rodríguez faz ao ensino atual se refere à imposição de uma visão unitária do mundo: uma imposição ideológica de destruição da classe dominante é uma racionalização de uma visão fantástica sobre a realidade e teve como efeito asfixiar o livre pensamento nas academias. A mudança deve passar pela academia, pois somente ela conseguirá transformar a sociedade por intermédio do desenvolvimento da inteligência, a qual serve como garantidora da liberdade no seu mais amplo sentido.

Deste modo, podemos ver que para ele a causa da indigência intelectual brasileira se liga a devaneios ideológicos, que como devaneios não tiveram condições de entenderem o mundo que o cercava: talvez seja por isso que o estudante e o professor universitários sejam tão facilmente cooptados por promessas miraculosas de rápida mudança social, política e econômica.

É contra esta visão salvífica que Ricardo Vélez Rodríguez se coloca, pois para ele uma educação nos moldes do liberalismo tem condições de educar os indivíduos no sentido mais amplo que a palavra educação possa ter.

Ao defender o liberalismo na educação ele pretende que ela possa ser formadora de hábitos de pensamentos, de caráter e intelectuais, os quais possam servir como fundamento para o respeito às diferenças, às minorias, etc.

Neste sentido, quer Ricardo Vélez Rodríguez uma educação que possa servir de salvaguarda à liberdade tanto no campo epistêmico como no político, econômico e social, pois somente assim poderemos construir uma sociedade que respeite o outro e por intermédio do dissenso possa construir uma sociedade melhor.

A causa dos nossos problemas educacionais está no abandono da Razão, ao mesmo tempo que se abraçou o mito marxista da salvação terrena que muito prazer e esperança deu aos professores e alunos desesperado por ter algum objetivo num mundo em constante mudança.

Para se mudar a sociedade será preciso termos uma academia que se mova baseada na inteligência e na produção científica.

Para Ricardo Vélez Rodríguez a educação deve ser resgatada da atual mitificação e retornar a um ambiente de liberdade de pensamento, no qual a imposição de ideias seja substituída pelo debate de ideias: não uma escola sem partidos, mas uma escola de todos os partidos. Este é o único caminho para se realizar uma educação voltada para o bem-estar da sociedade.

A educação deve ter como objetivo a prerrogativa de, antes, ensinar ao indivíduo que a contínua busca por mais conhecimento, com a intenção de tornar melhor a sociedade, é o melhor e mais profícuo caminho para a liberdade intelectual e, por consequência, para o crescimento, progresso e desenvolvimento do sujeito transformador. Ensino deve ser uma atitude à qual todo e qualquer indivíduo tenha plenas condições de colocar em prática: é neste ponto que deve entrar o Estado liberal, a fim de que possibilite as condições mínimas necessárias aos indivíduos na luta por uma condição social melhor. Dentro dessa perspectiva, a escola brasileira terá uma tarefa hercúlea, do ensino básico ao ensino superior. O seu papel doravante será o de, não apenas trazer uma proposta contra tudo o que se prega, mas também de arregimentar professores que enfrentem as dificuldades que se põem, dificuldades essas que se multiplicarão. Além disso, a escola liberal deverá se consolidar o mais rápido possível para não deixar espaços para que se prolifere a maldição marxista, que indubitavelmente estará à espreita, em uma curva qualquer ou em uma sombra intelectual dos seus ferrenhos defensores.

Referências bibliográficas

CARVALHO, José Maurício de. **Ricardo Vélez Rodríguez: El hombre e su obra.** Disponível em <<https://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/velez/introd.htm>>.

CROCE, Benedetto. **Materialismo histórico e economia marxista.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

DAU, Arthur; DAU, Sandro e DAU, Shirley. **O pensamento sociológico de Karl Marx.** Texto não publicado.

<https://jovempan.uol.com.br/noticias/brasil/marxismo-cultural-faz-mal-a-saude-diz-velez-rodriguez-apos-assumir-o-ministerio-da-educacao.html>

<https://desafiosdaeducacao.com.br/ricardo-velez-rodriguez-ministro-mec/>

<https://desafiosdaeducacao.com.br/ricardo-velez-rodriguez-ministro-mec/>

<https://ipco.org.br/em-carta-novo-ministro-fala-em-educacao-com-valores-tradicionais/#.XC6Hf1xKhPY>

<https://ipco.org.br/em-carta-novo-ministro-fala-em-educacao-com-valores-tradicionais/#.XC6Hf1xKhPY>

<https://veja.abril.com.br/politica/velez-promete-priorizar-educacao-basica-e-combate-ao-marxismo-cultural/>

<https://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/area-de-imprensa/noticias/item/12384-ricardo-v%C3%A9lez-rodr%C3%ADguez-elenca-prioridades-de-sua-gest%C3%A3o-no-mec-e-anuncia-novos-secret%C3%A1rios>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_V%C3%A9lez_Rodr%C3%ADguez

MONNEROT, Jules. **Desmarxizar a universidade**. Lisboa: Edições Afrodite, 1978, pp. 66-7.

PAIM, Antônio: **A filosofia brasileira contemporânea**: Estudos complementares. História das Ideias Filosóficas no Brasil, Vol. VII 2a edição, 2007.

POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo: EDUSP, 1974.

RUSSEL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**. São Paulo: Cia Ed. Nacional.

Summary: The topic of this article is education in the liberal perspective of Ricardo Vélez Rodríguez. In order to begin this research, it was necessary to question the possibility of changing the current model of education. To do so, we have to ask the following question: Is it possible to replace the current model of marxist education with a liberal model, which would enable those involved to freely discuss any without worrying about ideological patrols? Our objective is to present liberal education as the way to be followed by academia. This paper becomes relevant, because at the time we are at a crossroads where we can become a liberal or authoritarian democracy, so it is necessary to debate on which path we want to follow. The method adopted for the elaboration of this article was the bibliographical and documentary research regarding technological procedures. We hope to make clear that any education should have as its background the freedom to think, question and propose new alternatives to a truly liberal democratic society.

Keywords: Ricardo Vélez Rodríguez. Liberalism. Education.